

PERCEPÇÃO E MEMÓRIA: UMA BARRAGEM, MUITAS VIDAS, UMA HISTÓRIA

Neide de Moura

Mestranda em Geografia - UFPR
neidedemoura@hotmail.com

RESUMO

O estudo realizado teve como meta a identificação da relação existente entre os moradores e seu lugar de vivência, ou seu espaço vivido, partindo do pressuposto de que este espaço não existe mais como outrora, foi modificado, destruído. A formação de barragens pode ser encarada como um fator de destruição do imaginário popular sobre um lugar, pois ao inundar a área, também se inunda o *lugar* com seus significados e simbologia próprios. O enfrentamento deste problema pelos moradores nem sempre é algo fácil e de rápida aceitação. As pessoas não querem deixar toda sua vida ser coberta pelas águas e ir embora para outro lugar, que não é o seu e que não foi, muitas vezes, por ela escolhido. A realocação das famílias faz com que haja conflitos internos e sociais, além da perda da identidade com o lugar, atrelada ao sentimento de impotência gerado pela incapacidade de tomar qualquer atitude para evitar a destruição de seu patrimônio, não só financeiro, mas também cultural. O problema levantado para o presente trabalho supõe a destruição do imaginário coletivo sobre um lugar, de suas sensações, sentimentos e significados, que passam a existir somente na memória daqueles que o conheceram e o vivenciaram.

Palavras - chave: imaginário, lugar, espaço vivido.

PERCEPTION AND MEMORY: THE BARRAGE, MANY LIVES, A HISTORY

ABSTRACT

The carried through study the identification of the existing relation between the inhabitants and their experience had as a goal, or their lived space, leaving the estimated one that this space does not exist anymore as did long ago, it was modified, destroyed. The formation of barrages can be faced as a factor of popular imaginary destruction on the place, therefore when flooding the area, also floods the place with its proper meanings and symbology. The confrontation of this problem for the inhabitants is not always something easy and fast to accept. The people do not want their whole lives to be covered by water and to go even so for another place, that is not and that it was not, many times, a choice. The relocation of the families brings about internal and social conflicts, beyond the identity loss with the place connected to the feeling of impotence generated for the incapacity of taking any attitude to prevent the destruction of their patrimony, not only financial, but also cultural. The problem raised for the present work assumes the collective imaginary destruction on the place, their sensations, feelings and meanings that start only to exist in the memory of those who had known it and had lived it deeply.

Key words: imaginary, place, lived space.

INTRODUÇÃO

“Minha mãe veio pra cá, com minha avó, bem pequena... ela está enterrada aqui, minha avó também, meu pai (...) eu também quero ficar aqui, este é o meu lugar (...). como eu vou visitá-los depois que as águas chegarem?” (cena do filme: “Os Narradores de Javé”)

Recebido em 13/09/2007

Aprovado para publicação em 21/07/2008

O sentimento de pertencimento à um determinado *lugar* é fato concreto que faz parte do imaginário coletivo e individual de cada pessoa. No recorte espacial que se fez para o presente estudo, não foi diferente o sentimento de perda que se instalou no seio de muitas famílias. A percepção destas pessoas sobre o lugar e sobre sua destruição no mundo real foi objeto desta pesquisa, que revelou a necessidade da preservação do patrimônio histórico e cultural de áreas solicitadas à construção de barragens, seja para abastecimento público de água, seja para a geração de energia em hidrelétricas.

O objetivo deste trabalho é avaliar a percepção de espaço e de lugar dos moradores da colônia Thomás Coelho, Araucária / PR. Para tanto, procurou-se: dimensionar a percepção dos antigos moradores da área onde foi construída a barragem; verificar o impacto que teve a construção no imaginário coletivo; analisar a reorganização do conceito de lugar para aqueles que ficaram morando nas proximidades; contrapor a relação de lugar daqueles que conheceram o bairro antes da barragem com a dos que a conheceram depois da formação do lago.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em busca de um aporte teórico – metodológico que contemple os estudos que levam em conta os sentimentos humanos em relação ao meio geográfico, a opção de maior coerência encontra-se no seio da Geografia Humanista. Esta corrente, que vem ganhando um número cada vez maior de adeptos, teve seu início de forma mais concreta na década de 60, vindo com o intuito de tentar superar as dicotomias existentes na disciplina, assim com a Geografia Crítica (AMORIM FILHO & ABREU, 2002 p. 233).

No Brasil, o primeiro grande passo para os estudos humanistas na Geografia foi a tradução dos livros *Topofilia* e *Espaço e Lugar* de Yi-Fu Tuan, uma iniciativa da professora Lívia de Oliveira no início dos anos 1980. Entretanto, essas traduções surgiram numa época em que a Geografia brasileira assistia ao surgimento/fortalecimento de uma Geografia Crítica em detrimento da até então soberana Geografia Teórica, sendo esse um momento de crise, resistência e luta de duas fortes correntes paradigmáticas, deixando assim a Geografia Humanista às margens desse duelo e das produções acadêmicas. Mesmo diante desse cenário de lutas entre as correntes do pensamento geográfico, observamos hoje uma grande produção de trabalhos geográficos que se baseiam no postulado humanista-cultural, e que, ainda que tardia se comparada às produções norte-americanas e européias, de excelente qualidade e aprofundamento teórico.

Segundo Correa (1995, p.30.) a geografia humanista está assentada na subjetividade, contrariamente às geografias crítica e teórico-quantitativa, pautando-se na “intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular (...)”.

Inserida neste contexto de vivência, a percepção ambiental mostra-se como uma ferramenta útil na análise geográfica dos sentimentos humanos em relação ao ambiente.

Nas palavras de Ferrara (1988, p. 3) a percepção ambiental pode ser encarada como uma “prática cultural” que abarca o físico citadino e também o uso que se faz dele. Continuando, afirma que “o habitante sente a cidade, pois ela é o seu lugar de vivência, a partir disso, ele pode ler ver e descobrir” o ambiente que o circunda. (p. 7) Assim sendo, a percepção ambiental é aquela que “resgata o uso do espaço”. Ferrara (1988, p. 22). No caso em estudo, pode-se substituir o termo cidade por bairro, por se tratar de um.

Para Bley (1982, p. 7) a percepção ambiental fica definida pelo contato direto e imediato que se tem com o objeto, por isso, é “irreversível”. Continuando, diz que a percepção ambiental supõe mais que a simples observação de seus elementos singulares e constantes, ela requer também a “interação da experiência individual” (p. 15), dando valor aos sentidos humanos relacionados à percepção simbólica, expressa como sendo o conteúdo “subjetivo e afetivo” do lugar. (p. 16).

Kozel (2001, p. 146), afirma que a percepção é um processo mental onde indivíduo e ambiente interagem por meio de mecanismos perceptivos, que são armazenados sob a forma de memória aferida de significado.

Assim sendo, pode-se dizer pertinente a análise de mecanismos que agucem a memória humana para que as imagens significativas venham à mente. Então, cabe dizer que os sentidos humanos básicos (visão, audição e olfato) podem ter poder coercitivo na definição de tais imagens.

Para Tuan (1983) os sentidos humanos trazem subsídios de análise ambiental ao passo em que são habilidades natas dos seres humanos e fazem parte de sua vivência cotidiana.

De acordo com Bettanini (1982, p. 128) a partir do momento em que o homem torna-se um ser social, ele liberta-se dos limites colocados por sua constituição biológica, condicionando sua capacidade perceptiva e seus órgãos dos sentidos. Então, ele “sofre na prática uma inundação sensorial” a qual reage “produzindo uma canalização sócio-conceitual da percepção”. A ‘inundação sensorial’ citada pelo autor é definida por Heller³ (1968, p. 338) como algo que torna possível para o homem organizar sua estrutura social, levando em consideração primeiramente a bagagem herdada de gerações anteriores, que por sua vez, englobam novas percepções, transformando-se em algo novo, em um saber novo. Na mesma linha de pensamento Kashiwagi (2004, p. 88) diz que “cada imagem e idéia sobre o mundo são compostas de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória.”

Por isso, que ao se falar em percepção ambiental não se pode deixar de lado o espaço ocupado pelo corpo englobando os lugares da vida cotidiana, bem como as diferentes maneiras de perceber e do que se percebe. (Bettanini, 1982)

Em seus estudos, Tuan (1980; 1983) destaca a importância dos sentidos humanos para a percepção ambiental.

Para Kozel (2001) as análises dos estudos de percepção têm como premissa o campo visual, mas também merecem destaque os odores e os sons, por fazerem parte do contato direto e imediato do corpo com o espaço. Tuan (1980) é o precursor desta idéia dizendo que a superfície da terra é muito variada e que, portanto, provoca as mais diversas sensações.

Ao mencionar o sentido auditivo, Tuan (1983, p.17) remete-se às impressões que os sons podem causar nas pessoas, afirmando que “o próprio som pode evocar impressões espaciais”. Através da percepção auditiva tem-se a noção de distância do local de onde vem o som. Com isso, as pessoas têm a noção da distância de onde parte o barulho, seja ele agradável ou não.

A visão constitui-se em um processo seletivo e criativo, no qual os estímulos ambientais são estruturados e organizados a fim de serem enviados aos órgãos apropriados. Quando relacionado aos estudos de percepção ambiental urbana, pode-se dizer que as percepções observáveis podem agradar ou não aos olhos (TUAN, 1983). De acordo com Ferrara (1999, p. 65), “a percepção visual ocupa-se da constatação da imagem urbana”, ou seja, demonstra seus aspectos distintivos: cores, formas, texturas, volumes, limites e localizações. Desta maneira, este sentido parece imbuído de objetividade que advém da “relação diária do indivíduo com a imagem.”

O mundo dos cheiros pode evocar nos humanos diversas reações. Para TUAN (1980, p. 11) “o odor tem o poder de trazer lembranças vividas”, trazendo à memória fatos que de alguma maneira, ficaram associados a determinados odores. Ao se perguntar se “as fragrâncias e perfumes podem constituir um mundo?” Tuan (1983, p. 12) sugere que os odores ficam organizados espacialmente e podem remeter a lembranças a eles associadas.

³ Citado por BETTANINI, 1982.

Vale também destacar o papel da linguagem que Szamosí⁴ (1986, p. 47) diz permitir “que o cérebro humano não apenas perceba objetos e acontecimentos no espaço e no tempo, mas também os presente como conceito pense a respeito deles e comunique esses pensamentos.”

Sendo assim, a linguagem para este autor permite que o homem consiga a capacidade de percepção e de imaginação em criar imagens de mundo que tenham para ele significado.

A compreensão dessas imagens requer a compreensão do espaço no qual elas acontecem, este espaço *per se* encontra-se imbricado de relações estabelecidas com seus viventes. Tal espaço, dentro da corrente Humanista de Geografia, pode ser entendido como o *espaço vivido*. O conceito de espaço vivido tem suas raízes na fenomenologia de Husserl, e pode ser definido como “um conjunto de coisas, valores, bens e mitos inerentes a um mundo subjetivo” (KOZEL, 2001, p. 148).

A identidade com o lugar é o ponto de partida para a discussão da percepção que os moradores têm do entorno de seu espaço vivido. Segundo Kozel (2001), o conceito de “espaço vivido” foi criado por Frémont⁵ (1976) em um de seus trabalhos denominado “*La région, espace vécu*”. De acordo com Gomes (2003, p. 317) Frémont pretendeu em sua obra renovar “o estudo das regiões sob o ângulo do espaço vivido”; no qual o espaço é tomado com parte da experiência humana dos lugares. Kozel (2001, p. 151) afirma que os conceitos de lugar e de espaço vivido têm aporte na fenomenologia, através de diferentes vertentes. Questionando-se sobre o modo como o homem percebe o mundo, a mesma autora coloca que é “através do corpo, da ação e dos sentidos que ele constrói ao se apropriar do espaço, sendo que o lugar se reflete nesta porção apropriada para se viver: a casa, a praça, a rua, o bairro, vivida, sentida e reconhecida” (p. 154). Para Correa (1995, p.31) o espaço vivido está vinculado à geografia francesa, com raízes na tradição vidalina, mas que também tem bases em teóricos de outros campos como o geneticista Jean Piaget e na psicanálise de Bachelard. O lugar, para Correa (1995, p. 31) torna-se o conceito de maior relevância para a geografia humanista.

Relacionado aos conceitos de espaço e de lugar Tuan (1983, p. 3; p. 6), afirma que estes conceitos muitas vezes se fundem: “(...) espaço é mais abstrato que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.” Para o mesmo autor o lugar não pode ser definido sem o espaço, um está envolvido com o outro. Ainda se referindo a estes termos, o mesmo autor menciona que:

Espaço e Lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. Vivemos no espaço. Não há lugar para outro edifício no lote. As Grandes Planícies dão sensação de espaciosidade. O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria. Os geógrafos estudam os lugares. Os planejadores gostam de evocar “um sentido de lugar”. Estas são expressões comuns. Tempo e lugar são componentes básicos do mundo vivo, nós os admitimos como certos. Quando, no entanto, pensamos sobre eles, podem assumir significados inesperados e levantam questões que não nos ocorreria indagar. (TUAN, 1983, p. 3)

Continuando, Tuan (1983, p. 09) coloca que o espaço é diariamente vivenciado através de experiências que abarcam a mente e os sentimentos e que o lugar possui um “espírito” carregado de significados manifestados pelos sentidos a partir de suas vivências duradouras.

Para Kozel (2001, p. 148) o sentido de espaço é criado pelos sujeitos em suas vivências e interações sociais. É somente a partir deles que o indivíduo cria sentimentos de identidade com o lugar. Então, pode-se dizer que um espaço pode ser composto por diversos lugares e que

⁴ Citado por SPÓSITO, 2004. p. 76.

⁵ Citado por KOZEL 2001.

estes, por sua vez, podem ser individuais ou coletivos, presentes no imaginário de pessoas ou grupos sociais. Assim sendo, a formação das imagens que se tem sobre os lugares, requerem que o mesmo seja sentido, vivenciado, tal qual diz Bachelard, citado por Kozel (2001, p. 150) “a imaginação exige que vivamos diretamente as imagens”. A este respeito, Frémont salienta que:

Os lugares, entretanto, formam a trama elementar do espaço. Eles constituem sobre uma superfície reduzida e em torno de um pequeno número de pessoas, as combinações mais simples, as mais banais, mas também talvez as mais fundamentais das estruturas do espaço: o campo, o caminho, a rua, a oficina, a casa, a praça, o cruzamento. (FRÉMONT, 1976, p. 99-100)⁶

Nas palavras de Claval (2002, p. 33) o espaço se constitui como um “palco ou palcos no qual os atores possam atuar uma platéia e camarotes para aqueles a quem o drama, a comédia, ou a tragédia interessam (...)”. Assim, o espaço se constitui na morada do homem com suas histórias e vivências pessoais e sociais, bem como suas ações no mesmo. Ainda para o mesmo autor (1997, p. 207) “o espaço, suporte da sociedade, é físico, social e simbólico, onde o sujeito significa. Os nomes dos lugares permitem falar do mundo e discorrer sobre ele, transformando o universo físico em universo socializado”. Sendo assim, julga-se pertinente o estudo das percepções dos moradores e não moradores do lugar pra sua melhor compreensão e avaliação de seus usos e significados.

METODOLOGIA

A área de estudo

A barragem do Passaúna foi idealizada para o abastecimento público de água potável para as populações residentes na porção sul do município de Curitiba e também para abastecer os municípios de Araucária e Campo Largo - PR. Com capacidade de armazenar até 40 milhões de metros cúbicos de água, esta estação trata cerca de 1.700 l/s, mas tem capacidade para 2.000 l/s. Encontra-se localizada em uma área de tríplice fronteira entre os municípios de Curitiba, Araucária e Campo Largo, sendo os dois últimos componentes da Região Metropolitana de Curitiba (RMC).

Dentro da área que margeia a barragem, optou-se pela realização de um recorte espacial, devido à sua grande extensão. A área escolhida fica localizada no município de Araucária /PR em sua porção nordeste, mostrada na figura 1. Trata-se de uma comunidade agrícola, fundada por imigrantes poloneses no início da colonização do município que ocorreu por volta do ano de 1876, quando chegaram os primeiros imigrantes.

A coleta dos dados

O trabalho de campo foi realizado em três momentos diferentes. No primeiro deles, foi realizada a tomada de fotografias e a visita a um memorial construído no município de Araucária – PR, em homenagem às famílias atingidas pela construção da barragem. No referido memorial se obteve o acesso aos nomes das famílias. Então, o próximo passo foi a localização destas, e o primeiro contato.

O segundo momento do trabalho de campo foi o contato com as famílias. Algumas não moravam mais nas redondezas e não foram localizadas, outras se mudaram para áreas no entorno da barragem. Então, foi realizado o contato e a tomada das entrevistas, juntamente com a elaboração dos mapas mentais. Foi entregue a um dos integrantes das famílias visitadas uma folha com a entrevista, na qual eles também fizeram o mapa mental. (modelo em anexo) Foram visitadas dez famílias de moradores e entrevistados dez não moradores, selecionados de acordo com as atividades que realizavam na área durante o período da construção da barragem. Também foram entrevistados dois operários que trabalharam na construção da barragem.

⁶ Citado por GOMES, 1996. p. 324.

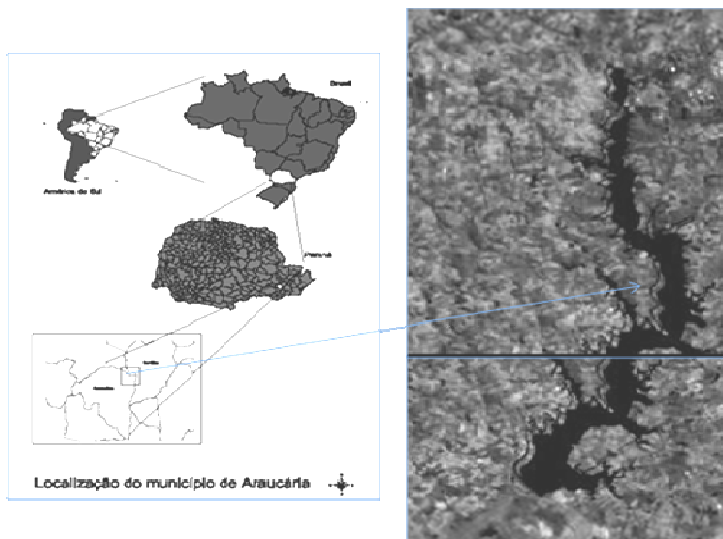


Figura 1: localização do município de Araucária. Organizado pelo autor.

Os Mapas Mentais

Cada pessoa ou grupo cria imagens individuais ou coletivas sobre suas vivências cotidianas. Tais imagens podem trazer diversos subsídios à compreensão e estudo do espaço geográfico. Podendo ser representadas graficamente sob a forma dos chamados “mapas mentais”.

O estudo destas representações, inicialmente chamadas de mapas cognitivos ou mapas conceituais, remonta a estudos da psicologia social, passando pela antropologia e sociologia, até chegarem à geografia e ao urbanismo.

Segundo Kozel (2001, p. 208) o termo Carta Mental, foi introduzido na Geografia por Peter Gould, em seus estudos relacionados ao imaginário individual e coletivo acerca da concepção de mundo dos indivíduos.

Gould (1973)⁷ refere-se aos Mapas Mentais,

Como imagens espaciais que estão nas cabeças dos homens, não só dos lugares vividos, mas também dos lugares distantes, construídos pelas pessoas a partir de seus universos simbólicos, sendo estes produzidos através dos acontecimentos históricos sociais e econômicos divulgados.

A metodologia de análise dos mapas mentais selecionados foi desenvolvida por Kozel (2001) em seus estudos sobre a imagem de Curitiba. A referida metodologia toma como base a análise de critérios organizados em tópicos, como segue:

- a) interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem;
- b) interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem;
- c) interpretação quanto à especificação dos ícones; e
- d) apresentação de outros aspectos ou particularidades.

A - Quanto à forma de representação dos elementos na imagem

Neste item de seu trabalho, Kozel (2001) verificou a aparição de elementos que se identificam nas imagens sob a forma de ícones, letras, desenhos e representações cartográficas. No

⁷ Citado por KOZEL, 2001. p. 201.

presente trabalho, observou-se a aparição de letras na maioria dos mapas coletados. Quando questionados do porque disto, os entrevistados disseram que tal fato se devia à dificuldade que tiveram em “desenhar” seus sentimentos.



Mulher de 50 anos

Neste mapa mental pode-se observar a tentativa da entrevistada em representar o que sentiu no momento em que viu sua propriedade ser coberta pelas águas. Em sua entrevista, afirmou que a sensação que sentiu foi *“de muita tristeza, pois tudo o que estava ali foi conseguido com muito sacrifício.”*

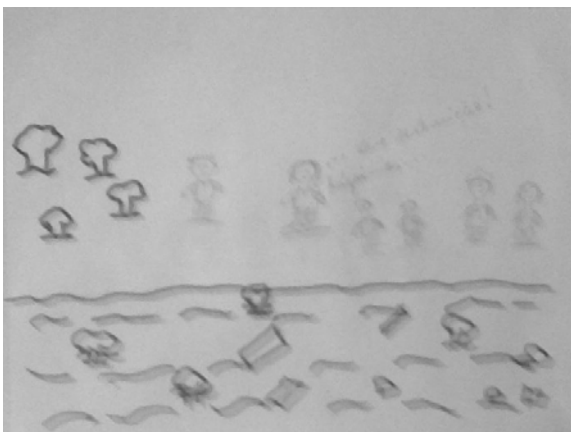
B - Quanto à distribuição dos elementos na imagem

Nesta análise Kozel (2001) observou a necessidade de se analisarem as maneiras como os elementos se distribuem nas imagens. Para tanto especificou a seguinte classificação:

- Representação da imagem em perspectiva;
- Representação da imagem em forma horizontal;
- Representação em forma circular;
- Representação em forma de quadros e quadras;
- Representação de maneira dispersa;
- Representação de imagens isoladas.

Nos mapas coletados não foram observados todos os elementos colocados por Kozel (2001), porém alguns o foram e servem de base para as análises.

Exemplo quanto à distribuição dos elementos na imagem:



Mulher de 48 anos

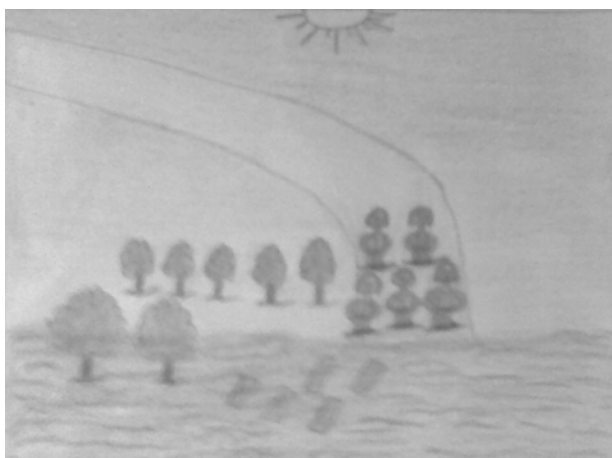
Nesta imagem pode-se verificar a horizontalidade da distribuição dos elementos na imagem, sendo a que mais se destacou dentre os mapas mentais coletados. Tal fato deve-se ao sentimento de ficar como mero “público” que assistiu ao “espetáculo” da vida real, aliado ao sentimento de impotência em defender o “seu lugar”, o seu patrimônio.

C - Quanto à especificação dos ícones

Com o intuito de partir do mais simples ao mais complexo, Kozel (2001) especificou para este item quatro grupos:

- Representando elementos da paisagem natural;
- Representando elementos da paisagem construída;
- Representação de elementos móveis;
- Representação de elementos humanos.

Exemplo quanto à especificação dos ícones:



Mulher de 51 anos

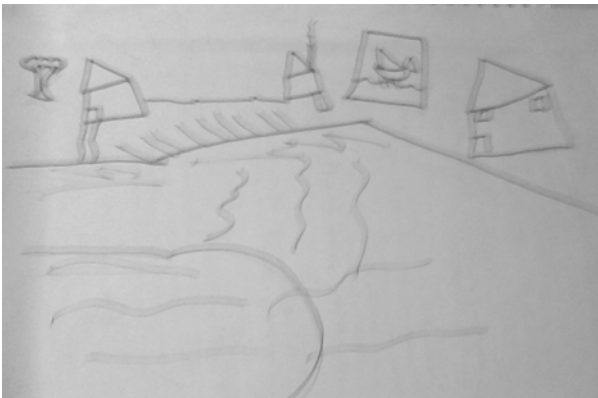
Neste mapa mental observa-se a representação de três dos elementos especificados para este critério. O primeiro é a representação dos elementos da paisagem; o segundo a representação dos elementos da paisagem construída e o terceiro a representação dos elementos humanos. O primeiro e terceiro elementos citados foram muito recorrentes nas representações, reforçando a colocação dos moradores como platéia, como espectadores do acontecimento.

D - Apresentação de outros aspectos ou particularidades

Neste item, Kozel (2001) coloca que em determinados mapas mentais aparecem elementos que merecem destaque. No presente trabalho observou-se que os mapas apresentam uma similaridade quanto à organização da imagem. A maioria mostra os elementos naturais e construídos juntos na mesma cena, dando a idéia de harmonia com a natureza. Outro ponto de similaridade é a representação da chegada da água até sua propriedade, transmitindo a idéia de que o ambiente estava sendo transformado, que não seria mais o mesmo.

Na imagem a seguir observa-se a presença de elementos da paisagem, elementos construídos, ficando clara a sensação de mudança pela qual passou o ambiente com a chegada da água. A chaminé ainda soltando fumaça, representa a resistência do morador em deixar o lugar e “*por isso nem conseguiu retirar todas as suas benfeitorias, porque as águas encobriram*” (Mulher de 64 anos). Tal fato é confirmado pela figura 2, em anexo, que mostra casas e benfeitorias sendo encobertas pelas águas.

Exemplo quanto a outros aspectos ou particularidades:



Mulher de 64 anos, não moradora



Figura 2: casas e benfeitorias sendo alagadas.

Fonte: acervo Memorial Polonês. (reflexos causados por se tratar da fotografia de outra fotografia, permitida pelo responsável pelo local)

Analisando o lugar por meio da percepção dos moradores

A identidade do lugar fica impressa no imaginário de seus habitantes e também daqueles que o conhecem e o utilizam de alguma maneira. O uso que se faz do lugar é que determina sua valoração.

De acordo com Del Rio (1996, p. 4), embora as percepções sejam “subjetivas para cada indivíduo, admite-se que existam recorrências comuns, seja em relação às percepções e imagens, seja em relação às condutas possíveis”.

Em todas as entrevistas realizadas, ficou como marcas indeléveis, a sensação de perda e de impotência dos moradores; e também a relação de identidade pessoal com o lugar.

A sensação de perda de algo que não pode mais ser recuperado, torna ainda mais difícil a aceitação por parte dos moradores. Surgem então, “as necessidades dos contatos imediatos, que produzem e reproduzem a sensação de perda”. (SILVA, 1986, p. 143) Tais contatos podem dar-se por meio do espaço simbólico (fotografias, sons, cheiros, etc.) que substituem a relação concreta com a vida cotidiana (BETTANINI, 1982). Então, tenta-se resgatar a identidade do lugar através da percepção de seus moradores. De acordo com Silva (2001) ao se resgatar a identidade de um lugar, acabamos por nos interiorizar no espaço vivido, sentido,

percebido que se encontra repleto de sonhos e imagens daqueles que o usam de alguma maneira. Então, depara-se com um lugar onde acontecem e se manifestam culturas que fazem parte da vida cotidiana coletiva e individual, na qual o homem atua como sujeito. Pode-se dizer, com isso, que o bairro fica definido como a imagem de um mundo vivido, que é construído cotidianamente. No caso em estudo, o mundo vivido já não existe mais, foram transformadas / transferidas, com isso, as imagens construídas são estáticas no tempo e no espaço, existindo apenas nos imaginários daqueles que o conheceram.

Dentre os depoimentos, foi citado similarmente o caso de um morador que resistiu em sair e acabou tendo sua casa e benfeitorias inundadas. Além desta passagem, pode-se destacar a impressão pessoal de cada um, como no caso abaixo:

“Senti tristeza, porque é um lugar que ficará para sempre embaixo da água” (mulher de 64 anos) as palavras desta mulher deixam explícito o sentimento de perda que abalou o seio de muitas famílias.

Entretanto, o ponto que mais ficou evidente é a relação de identidade pessoal com o lugar. Neste ponto, o lugar, enquanto categoria de análise geográfica torna-se o espaço da vida cotidiana, o espaço vivido. O termo **lugar** encontra-se presente em diversos trechos dos depoimentos coletados:

*“(...) ninguém teve interesse em sair do **lugar**”*

*“(...) senti tristeza em deixar o **lugar** que pertencia a mim desde a infância.”*

*“(...) era um **lugar** muito bonito (...)”*

Estes entre outros depoimentos trazem o termo **lugar** como referência pessoal. Partindo das idéias de Tuan (1983) pode-se afirmar que o “espírito” do lugar se faz presente no imaginário das pessoas, tornando possível manifestar seus significados por meio de palavras, emoções e, por que não, por meio dos mapas mentais. Com base nisso, entende-se que o lugar é colocado pelos entrevistados como um espaço no qual eles tinham e mantinham suas relações sociais e familiares, estabelecendo usos de formas variadas, mas cada qual com seu significado e valor determinados, sendo diferente entre o morador e o não morador. Ambos tinham no lugar suas relações de trabalho, contudo para o morador ela era parte também de seu lugar de moradia e para o não morador representava o lugar onde vinha para trabalhar e levava dli seu sustento e de sua família (salientando que tratava-se de uma comunidade agrícola).

Contrapondo os usos e valores do lugar

As entrevistas realizadas mostraram alguns pontos interessantes, dos quais se pode retirar algumas considerações. O quadro 1 mostra a organização dos dados de maior relevância.

Quadro 1

Organização dos dados das entrevistas

PONTOS DE ANÁLISE	PERCEPÇÃO DO LUGAR - USOS DO LUGAR	
	MORADOR	NÃO MORADOR
SENSAÇÕES	Impotência	Mudança no uso do lugar
RESISTÊNCIA	Identidade com o lugar	Desperdício de benfeitorias
INDENIZAÇÃO	Injustiça	Justa
VISÃO	Tristeza	Transformação do lugar

Com base nos dados colocados nas entrevistas ficou evidente a contraposição dos usos e valores entre os moradores e os não moradores do lugar. Entre os moradores viu-se como

característica fundamental a conceituação do lugar enquanto “seu”, fazendo parte do espaço ocupado pelo seu corpo. Enquanto que os não moradores demonstraram uma relação diferenciada. Para eles é mais do que o simples espaço da vivência cotidiana, representa valor construído pelo homem, fonte de trabalho e de ganhos monetários, ou ainda “*a certeza de que a água não vai deixar de chegar até nossas torneiras (...)*” (Feliciano V. Santos, 48 anos, não morador).

CONCLUSÕES

Ao término desta pesquisa que buscou desvelar o espaço e o lugar por meio das percepções cotidianas dos antigos moradores e não moradores de um lugar que foi modificado entre usos e ocupações, tem-se a impressão de que cada vez mais as relações de uso e ocupação que se faz do lugar podem tornar-se fonte de pesquisa e análise destas categorias geográficas.

Dentro do aporte teórico da Geografia Humanista a procura de referenciais ficou rodeada de noções que, ainda que de maneira preliminar, privilegiaram o sentimento humano, as percepções daqueles que diretamente sentem e convivem com o objeto de estudo que é por nós tomado. Tal abordagem permitiu a contraposição de conceitos e a discussão dos mesmos enquanto ciência. A pesquisa empírica orientou esta contraposição de forma independente dos preceitos que se tinha antes do início do trabalho, mostrando que os rumos que se pode ter dentro desta linha de pesquisa são os mais variados possíveis.

Ficou claro também, que as pessoas têm cotidianamente o uso do termo lugar em seu vocabulário, como conceito e como meio de localização espacial, mostrando que a geografia está presente na vida dos cidadãos, mesmo que estes não o percebam diretamente sua funcionalidade.

Outro ponto que mostrou merecer pertinência de estudos é o impacto que tem a construção de barragens no imaginário coletivo. Seja positiva ou negativamente. Estes projetos idealizados por planejadores e engenheiros trazem consigo diversas facetas, que merecem ser analisadas durante o processo de execução da obra.

Os pontos positivos são mais facilmente percebidos por todos, pois privilegiam a maioria: água tratada para a população garantia de abastecimento, etc., enquanto que os pontos considerados negativos ficam como percepção de um número restrito de pessoas que não têm alternativas senão acatar a decisão que vai beneficiar a muitos.

A cultura e o imaginário destas pessoas ficam então, relegados ao benefício que trará sua destruição aos demais, tornando a decisão uma questão de princípios, de ajuda ao próximo. A dúvida entre o “certo e o errado” é presente e perturbadora, contudo a resposta é sempre a mesma, a “certa”.

REFERÊNCIAS

BETTANINI, T. **Espaço e Ciências Humanas**. Tradução de Liliana L. Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BLEY, L. **Percepção do Espaço Urbano**: O centro de Curitiba. Rio Claro, 1982. Dissertação de Mestrado.

CAFFÉ, E. **Os Narradores de Javé**. Estúdio Bananeira filmes, Brasil, 2003.

CASTRO, I. et.al. (org.) **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
CORRÊA, R. L. **Espaço, um conceito-chave da Geografia**. Bertrand Brasil, 1995.

DEL RIO & OLIVEIRA (orgs.). **Percepção Ambiental a Experiência Brasileira**. 2ª Ed. São Paulo. Studio Nobel, 1999.

FERRARA, L. D. **Ver a Cidade**. São Paulo: Nobel, 1988.

GOMES, P. C. da. **Geografia e Modernidade**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

KASHIWAGI, H. M. **O Processo de Percepção e Apropriação do Espaço nas Comunidades Marginais Urbanas**: o caso da favela do Parolin em Curitiba – PR. Curitiba, 2004. Dissertação de Mestrado.

KOZEL, S. T. **Das Imagens às Linguagens do Geográfico**: Curitiba, a “Capital Ecológica”. São Paulo, 2001. Tese de Doutorado.

MENDONÇA, F. A. e KOZEL, S. (Org.) **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba/PR: Editora da UFPR, 2002.

SILVA, A. C. **De Quem é o Pedacoço?** Espaço e Cultura. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SPÓSITO, E. S. **Geografia e Filosofia**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo. DIFEL, 1980.

_____. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo. DIFEL, 1983.

ANEXO – ENTREVISTA

Nome: _____ idade: _____

1- Como foi a sensação de ser obrigado a mudar-se, e de saber que sua casa ficaria em baixo da água?

2- Houve resistência por parte dos moradores em sair ?

3- Em sua opinião a indenização foi justa? Por quê?

4- O que você sentiu ao ver a água subir e inundar a sua casa?

5- Desenhe o que você sentiu ao ver a água subindo e inundando sua casa: